

## “HUME E A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA”: UMA ENTREVISTA COM ÉLÉONORE LE JALLÉ

Pedro Bravo de Souza<sup>1</sup>

Em função do crescente interesse com respeito à filosofia humeana no Brasil, a revista *Kínesis* tem o prazer de contribuir a esse âmbito teórico ao publicar a entrevista abaixo com a filósofa francesa Éléonore Le Jallé. Eleita Professora Titular de filosofia contemporânea na Universidade de Lille em 2017, onde ela era Professora Associada desde 2006, Éléonore é membra do Laboratório *Savoirs, Textes, Langage* (STL) no qual organiza, constantemente, seminários. Ao observar o conteúdo deles, bem como os diversos assuntos pelos quais suas publicações mostram interesse (filosofia da mente, da linguagem e da ação, filosofia moral e política), nota-se que o filósofo escocês David Hume cumpre aí um papel importantíssimo.

Com efeito, é a respeito de Hume que Éléonore defendeu, por exemplo, sua tese de doutorado intitulada “*L’autorégulation chez Hume*” em 2001 na Universidade Paris X-Nanterre, sob a orientação de Didier Deleule. Em 2011, ela obteve sua habilitação para orientar pesquisas na Universidade Paris 1, da qual resultou o livro “*Hume et la philosophie contemporaine*”, em torno do qual esta entrevista se ocupará. Esse livro, publicado pela Vrin em 2014, ilustra a amplitude das pesquisas da Professora Éléonore. Composto de três partes equivalentes àquelas do *Tratado da Natureza Humana* (entendimento, paixões e moral), Éléonore apresenta, discute e critica diversos autores contemporâneos nos quais a presença da filosofia humeana é explícita ou implícita.

Hume é presente explicitamente, por exemplo, nos usos e interpretações de filósofos como Karl Popper e Nelson Goodman (Capítulo 1 Causalidade e indução), Derek Parfit (Capítulo 2 A identidade pessoal), Michael Smith (Capítulo 3 A teoria humeana da motivação), Bernard Williams (Capítulo 4 Hume internalista), Donald Davidson (Capítulo 5 Hume, Davidson, as causas e as razões) e David Lewis (Capítulo 6 A convenção de David Hume a David Lewis). Entretanto, Hume também é, como mostra Éléonore, implicitamente presente na filosofia contemporânea, como é o caso de John Rawls (Capítulo 7 Teorias da justiça).

---

<sup>1</sup> Estudante de mestrado em filosofia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), sob a orientação de Marcos Antonio Alves, e com o auxílio financeiro da FAPESP (2016/03251-2). E-mail: pedrobravodesouza@hotmail.com

O livro “*Hume et la philosophie contemporaine*” não se limita, todavia, a indicar as ressonâncias atuais de Hume. Ora, a Professora Éléonore se propõe o objetivo de também construir contra-argumentos, no espírito de Hume, às objeções recentemente dirigidas a ele. Além disso e em especial, ela nos ensina como cada tema desenvolvido é conectado a outros segundo a maneira com a qual o próprio Hume interrogava-se sobre eles. Em suas palavras:

Quem procura, assim, a pensar com Hume (ou contra ele) os problemas da ação será, naturalmente, conduzido a pensar a causalidade, quem quer pensar a moral (com ou contra Hume) deve, necessariamente, interessar-se pela motivação, quem busca pensar a identidade deve, igualmente, dar conta do cuidado afetivo de si, quem quer pensar depois de Hume a justiça deve considerá-la tanto como instituição quanto como virtude<sup>2</sup>.

Haveria, portanto, na filosofia contemporânea anglofônica, uma rede humeana de temas. Que ela seja notada pelo leitor é um dos objetivos desta entrevista, a qual foi realizada por correio eletrônico entre os meses de setembro de 2017 e maio de 2018. Sua ideia remonta a maio de 2017, quando fiz um estágio de pesquisa na Universidade de Lille 3, com o auxílio da FAPESP (2016/25125-9), sob a orientação da Éléonore Le Jallé. Antes de, finalmente, começá-la, gostaria de agradecer a Professora Éléonore por tê-la aceitado, assim como por seu profissionalismo realmente inspirador. Mais uma vez, muito obrigado.

**Kínesis:** Permita-me, Professora Éléonore, começar esta entrevista com as motivações de “*Hume et la philosophie contemporaine*”. Em sua tese de doutorado, você utiliza um conceito contemporâneo, aquele de autorregulação, para melhor esclarecer a filosofia humeana, ao passo que, em seu livro, você se dirige antes à presença de Hume na filosofia contemporânea. Portanto, você alterou a direção de suas pesquisas: de um conceito contemporâneo para explicar Hume à sua presença na filosofia contemporânea. Como, então, essa mudança ocorreu? Você poderia, por favor, comentar sucintamente as razões pelas quais foi levada à redação de seu livro?

**Éléonore Le Jallé:** Na verdade, a mudança de direção já estava germinando desde o livro *L'autorégulation chez Hume*, uma vez que nele pelo menos um filósofo

---

<sup>2</sup> LE JALLÉ, É. *Hume et la philosophie contemporaine*. Paris: Vrin, 2014. p. 308.

contemporâneo que se refere a Hume estava presente e era discutido: trata-se de Friedrich Hayek que dedicou vários ensaios a Hume e aos filósofos ingleses clássicos (Mandeville, Smith, Ferguson) agrupando-os em uma tradição chamada por ele de “tradição da ordem espontânea”. Ordem espontânea, autorregulação: você percebe que se trata da mesma ideia. Hayek aprecia muito essa tradição, e Hume é, ele declara, seu “herói”. Entretanto, eu considero que ele cometeu algumas negligências interpretativas a respeito de Hume: notadamente em relação ao caráter deliberado da adoção de regras de justiça, afirmado por Hume mas negado por Hayek, ou ainda no que concerne ao papel do governo, fortemente reduzido a uma função de proteção em Hayek enquanto que Hume atribuía-lhe igualmente funções positivas, como aquela de forçar os homens a seguirem convenções que seriam de seu interesse. Na verdade, quando eu redigi *Hume et la philosophie contemporaine* como a tese para a habilitação, um capítulo sobre Hayek, demasiado longo, estava incluso no livro. Eu tive que excluí-lo da versão publicada, pois tinha alcançado o limite fixado pelo editor. Mas, desde então eu reorganizei e transformei esse capítulo sobre Hayek em um pequeno livro publicado pela editora Hermann em 2017: *Les limites de la raison et les règles de justice. La morale du libéralisme selon Hayek*. Essa relação de Hayek a Hume, como você nota, é bastante reivindicada pelo primeiro, mas ela é, para mim, em parte inexata. É um pouco do inverso que acontece, para mim, entre Rawls e Hume: o primeiro pouco divulga sua filiação humeana, pois é difícil torná-la compatível com seu próprio herói, Kant, mas ela não impede que ele empreste características importantes de Hume, as quais faço sobressair no capítulo que consagro a Rawls em *Hume et la philosophie contemporaine*.

**Kínesis:** Dentre as características importantes que Rawls toma de Hume, notamos a rejeição de um critério independente da justiça, atitude em razão da qual eles receberam, como você mostra, críticas de ordem comum. Segundo você, eles compartilham, ademais, uma espécie de anti-utilitarismo. Em particular, eles são contrários à ideia segundo a qual alguém possa se sacrificar em nome do bem maior. Pois bem, se aproximamos tal ideia à teoria humeana da identidade, parece que Hume se torna incoerente: por que não se sacrificar se o eu, conforme ele, não é nada além de um feixe de percepções? Você poderia mostrar, então, como recusar o sacrifício de si mesmo em nome do bem maior e aceitar a teoria humeana da identidade são, na verdade, compatíveis e, portanto, como Hume permanece coerente nesse contexto?

**ELJ:** A questão que você levante é uma objeção que Henry Sidgwick, em *The Methods of Ethics*, direcionara a Hume. Para respondê-la, e para salvar Hume de uma acusação de incoerência, é preciso lembrar vários pontos que ele defende. Em primeiro lugar, o fato que a ideia de um eu diferente de uma série de percepções seja uma ideia fictícia, segundo Hume, também equivale a dizer que temos dele uma ideia viva: pois uma ficção é, para ele, uma crença (ele se esforça aliás para explicar por que nela cremos), isto é, uma ideia viva. Portanto, ela não é nada. Em segundo lugar, Hume afirma, na própria seção onde ele mostra que o eu é uma ideia fictícia, que nós nos interessamos por nós mesmos, nós nos preocupamos conosco e ele especifica que esse cuidado de si (*self-concern*) remonta à nossa identidade *relativa às nossas paixões*. Ora, Hume fornece, de fato, as chaves para compreender a que corresponde esse cuidado em suas explicações das paixões. Notadamente, as paixões do orgulho e da humildade têm por característica fixar nossa atenção em nossa pessoa. Mas também, de modo mais geral, o fato que nossas paixões passadas, presentes e futuras sejam conectadas pela causalidade equivale a dizer que temos “um interesse presente por nossas dores ou prazeres, passados ou futuros”. Por exemplo, a lembrança que tenho de uma dor passada, se comparada a um prazer presente, pode avivar este tornando-o comparativamente superior; ou ainda, a antecipação de um prazer futuro (mas muito distante, pois a distância temporal ou espacial tende a diminuir a intensidade das ideias) pode avivar um prazer presente. Em poucas palavras, Hume consegue explicar, graças às relações entre ideias, ou entre paixões, graças também à influência da imaginação nas paixões, que nós nos preocupamos particularmente com nosso eu futuro; compreendamos: com nossas dores e prazeres a acontecer, desde que esses últimos não estejam muito distantes no tempo, pois Hume não pensa, por exemplo, que sejamos realmente preocupados com nossa condição *post-mortem*. De todo modo, e resumindo, a incoerência suposta de Hume desaparece, para mim, tão logo tenhamos em conta sua explicação do cuidado de si pelas relações entre percepções, e pelas paixões. E do *self-concern* ao *self-interest*, há somente um passo.

**Kínesis:** Em sua resposta, você ressaltou a importância das paixões para Hume a fim de que sua teoria da identidade e do cuidado de si coexistam. Pois bem, quando falamos de Hume e de paixões, é sua teoria da motivação que vem à mente quase que de modo imediato – teoria que ocupa, aliás, um lugar central em seu livro. No capítulo 3, por exemplo, você expõe o debate entre os autores contemporâneos (Michael Smith e David

Lewis) que a defendem e aqueles que a negam (Nagel, McDowell, Platts, Dancy). Para Michael Smith, em particular, um dos argumentos em favor da teoria humeana é ela ser capaz de explicar a possibilidade da acrasia (ou fraqueza da vontade). Donde nossa dupla questão: qual a pertinência atual das considerações de Hume sobre a acrasia e como explicar, se possível e em termos humeanos, alguém que consiga evitá-la?

**ELJ:** Na verdade, no que concerne à teoria da motivação, ou seja, a determinação dos motivos diretos e indiretos da ação, a posição humeana mais célebre é aquela que afirma que “a razão é, e deve ser, apenas a escrava das paixões”, segundo uma expressão de Hume; dito de outro modo, somente os desejos são causas diretas da ação, ao passo que as crenças sobre a existência desses objetos, seu grau de probabilidade, os meios de satisfazê-los e seus efeitos estão a serviço desses desejos. Isso equivale a dizer não haver crenças diretamente motivantes, crenças que poderiam motivar sem estarem subordinadas a um desejo anterior: essa ausência de crenças motivantes, afirmada pelos humeanos, é rejeitada pelos anti-humeanos atuais. A questão da fraqueza da vontade é, então, envolvida nesse debate da maneira seguinte: para contra-atacar os anti-humeanos (em particular, McDowell), o humeano Michael Smith argumenta em favor da possibilidade de uma desconexão entre juízo moral e motivação, devida à existência de “irracionalidades práticas”: a fraqueza da vontade ou os estados depressivos constituem exemplos de tais irracionalidades. E mesmo se sugerirmos, como o faz McDowell, que um agente virtuoso possui crenças especiais sobre as situações pelas quais ele é confrontado, crenças que o motivariam a agir, podemos replicar, como o faz Michael Smith, que ser virtuoso é, na verdade, possuir certos desejos e que são estes que nos dispõem a estar no estado cognitivo do qual fala McDowell. Aparentemente, essa discussão ocorre de uma certa maneira sem Hume, haja vistas que Hume não utiliza a fraqueza da vontade como um argumento em favor de sua teoria da motivação (ele tem outros argumentos) e porque ele não procura, como faz Michael Smith, reinterpretar o caso da força da vontade (o agente virtuoso) na estrutura de sua teoria da motivação. Não obstante, Hume fazia alusão à fraqueza da vontade no *Tratado da natureza humana*, por um lado para dizer que os desejos não são jamais contrários à razão (ou irrazoáveis), mas que somente as crenças que acompanham os desejos podem sê-lo; assim, afirmava Hume, preferir um bem menor a um bem maior não é contrário à razão; em outras palavras, preferir agir e agir contra seu melhor juízo [não é contrário à razão], o que corresponde à definição da fraqueza da vontade. Por outro lado, Hume antecipara

uma análise atual da fraqueza da vontade que promove a existência de uma inversão de preferências no tempo: quando o objeto de meu desejo está distante, eu posso preferir não o obter (ou ceder a ele, se pensamos, por exemplo, na ingestão de álcool); em contrapartida, quanto mais o momento da confrontação se aproxima, mais, diria Hume, a ideia que tenho do objeto desejado torna-se viva e mais meu desejo de obtê-lo supera aquele de me abster. Isso advém do princípio humeano segundo o qual os objetos exercem sobre a vontade e as paixões um efeito proporcional à distância espaço-temporal que nos distancia deles. Um autor contemporâneo, George Ainslie, confirma esse diagnóstico de Hume e explica em sua perspectiva o vício, tomado como exemplo da fraqueza da vontade: os homens desvalorizam o futuro a uma determinada taxa, eles desvalorizam o futuro imediato a uma taxa maior, o que explica a inversão de suas decisões no tempo.

**Kínesis:** A diversidade de temas em suas últimas respostas confirma a amplitude de seu livro. Foi-lhe necessário, no entanto, deixar de lado algumas incidências de Hume na filosofia contemporânea. Como você diz na introdução a seu livro, você não poderia redigir ainda um capítulo sobre, por exemplo, os laços que unem o escocês ao empirismo lógico, uma vez que tal assunto exigiria um livro a parte. Nesse contexto, quais outros temas você sugeriria para alguém que queira continuar o projeto de seu livro?

**ELJ:** Há, pelo menos, a possibilidade de considerar o impacto das posições humeanas na filosofia moral contemporânea, tema que abordo somente indiretamente em meu livro, em referência sobretudo ao argumento da ausência de influência direta da razão sobre a ação, o qual, segundo Hume, é favorável ao sentimentalismo moral e desfavorável ao racionalismo moral. Trata-se do seguinte silogismo: 1/ a razão não possui influência direta sobre a ação, somente as paixões a possuem; 2/ ora, a moral influencia nossas ações; 3/ portanto, a moral não se fundamenta diretamente na razão, mas evidencia sentimentos. Pois bem, além deste argumento, outros temas humeanos poderiam dar lugar à discussão em conexão com debates contemporâneos, por exemplo: Hume interessa-se pela construção de uma “ética da virtude”? Para determinar a possível pertinência dele em ética contemporânea, deve ser levado em conta seu exame das virtudes agradáveis e úteis, sua insistência sobre o caráter, e sobre sua possível educação. Outro exemplo de possível exploração: a maneira pela qual Hume permitiria

defender uma concepção cognitivista, ou antes não-cognitivista, das emoções, dado que a concepção cognitiva é, atualmente, dominante. Eu estudei, em parte, essa questão em um artigo sobre a natureza da compaixão<sup>3</sup>, e em outro (no prelo) sobre a relação entre emoções, juízos e imaginação<sup>4</sup>.

**Kínesis:** Professora Éléonore, muito obrigado tanto por suas respostas quanto por ter aceitado esta entrevista. Como chegamos a seu fim, eu a convido para aproveitar este espaço final a fim de expor suas últimas palavras e, caso queira, enviar uma mensagem aos estudantes brasileiros interessados pela rede humeana de temas brilhantemente mobilizada por você.

**ELJ:** Eu quem devo lhe agradecer por esta entrevista e pelo interesse que possui por esse trabalho, já antigo para mim pois me interessa agora, e desde alguns anos, pela pertinência moral da literatura, privilegiando um corpus sempre anglofônico (questão de gosto!): os romances de Dickens, ou aqueles de Anthony Trollope, e não perdendo completamente de vista minhas raízes humeanas, por exemplo, quando me interessa pela natureza do “ponto de vista” moral implícito nesses romances. E para aqueles que se interessam por Hume e pela sua rede de argumentos, isso é bem simples: a favor ou contra, pouco importa, jamais fizemos o desvio, justamente porque não se trata de um desvio senão de uma rede, das quais outras ramificações ainda estão por serem descobertas.

---

<sup>3</sup> LE JALLÉ, É. La compassion est-elle cognitive? *Cahiers philosophiques*, n° 136, p. 24-43, 2014. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-cahiers-philosophiques1-2014-1-p-24.htm>>. Acesso em 26 jul 2018.

<sup>4</sup> LE JALLÉ, É. Imagination, jugements et émotions. *Raison publique*. (no prelo).